



Motricidade

ISSN: 1646-107X

director@revistamotricidade.com

Edições Desafio Singular

Portugal

Gomes, S.S.; Leite, G.S.; Pedrinelli, V.; Ferreira, R.; Brandão, R.
Fluxo no para-atletismo
Motricidade, vol. 8, núm. 2, 2012, pp. 985-992
Edições Desafio Singular
Vila Real, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273023568124>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Fluxo no para-atletismo

Flow in paralympics track and field

S.S. Gomes, G.S. Leite, V. Pedrinelli, R. Ferreira, R. Brandão

ARTIGO ORIGINAL | ORIGINAL ARTICLE

RESUMO

O objetivo do presente estudo foi analisar a predisposição ao fluxo de 24 atletas pertencentes à Seleção Brasileira de Para-atletismo. Os participantes responderam a um questionário geral e a Escala de Predisposição ao Fluxo (EPF). Os resultados apontaram uma média de fluxo total igual a 3.85, o que indica que os atletas vivenciam o fluxo frequentemente. As dimensões do fluxo que se destacaram foram metas claras ($M = 4.56$) e experiência autotélica ($M = 4.45$). Correlações positivas e significativas foram encontradas entre as subescalas da EPF e o fluxo total, além disso, as dimensões obtiveram valores de correlação entre si. Observou-se, portanto, que o fluxo é um fenômeno relevante para a amostra estudada e deve ser considerado em atletas que competem a nível nacional e internacional.

Palavras-chave: psicologia do esporte, fluxo, para-atletismo

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the dispositional flow of 24 athletes belonging to the Brazilian Para-athletics. The participants answered a general questionnaire and the Dispositional Flow Scale (DFS). The results showed an average total flow equal to 3.85, indicating that athletes experience flow frequently. The dimensions of flow that stood out were clear goals ($M = 4.56$) and autotelic experience ($M = 4.45$). Strong positive correlations were found between the subscales and the global flow of the DFS, in addition, the dimensions obtained values of correlation. There was, therefore, that flow is a phenomenon relevant to the sample and should be considered in athletes who compete nationally and internationally.

Keywords: sport psychology, flow, para-athletics

Submetido: 01.08.2011 | Aceite: 14.09.2011

Simone Salvador Gomes, Gerson dos Santos Leite. Universidade Nove de julho, São Paulo, Brasil.
Verena Pedrinelli, Rodrigo Ferreira, Regina Brandão. Instituição Universidade São Judas Tadeu, Brasil.
Endereço para correspondência: Simone Salvador Gomes, Av. Paes de Barros, 177/93, Mooca - São Paulo, SP, CEP: 03115-020, Brasil.
E-mail: sisg@terra.com.br

As pesquisas que procuram avaliar como os processos cognitivos podem contribuir para aumentar a o desempenho, a satisfação e o bem estar através de experiências subjetivas positivas durante a prática esportiva são particularmente modestas (García, Jiménez, Santos-Rosa, Reina, & Cervelló, 2008). Nesse sentido, estudos recentes focados no contexto esportivo buscam confirmar os fatores associados a um estado psicológico considerado ideal denominado estado de fluxo (Csikszentmihalyi, 1990; Jackson & Csikszentmihalyi, 1999).

Também conhecido como *fluir*, *flow* ou experiência máxima, o fluxo foi descrito pela primeira vez por Mihaly Csikszentmihalyi na década de 1970, a partir de questionamentos sobre os motivos pelos quais algumas pessoas se envolvem com alto grau de motivação em atividades que não possuem nenhuma recompensa externa óbvia (Csikszentmihalyi, 1990). O fluxo, portanto, se refere a um estado mental no qual as pessoas parecem fluir quando mostram um esforço produtivo e motivado e é associado a diferentes emoções relacionadas a comportamentos positivos e funcionais (Csikszentmihalyi, 1990; Murcia, Noguera, González-Cutre, Cervelló, & Pérez, 2009).

Ao descrever tal fenômeno, Csikszentmihalyi (1990); Jackson e Csikszentmihalyi (1999) apresentaram nove dimensões presentes quando as pessoas o vivenciam, são elas: (a) equilíbrio entre desafios e habilidades - quando a tarefa é realizada no grau de complexidade adequado, equacionando o grau de dificuldade da tarefa com a capacidade psicofísica do indivíduo; (b) fusão entre ação e consciência- as pessoas se tornam tão envolvidas com o que estão fazendo que a atividade torna-se espontânea, quase automática, elas deixam de ser conscientes de si mesmas separadas da ação que estão realizando; (c) metas claras - a pessoa sabe exatamente o que fazer a cada momento; (d) feedback imediato e sem ambiguidade - ajuste de movimentos e ações através de percepções, interpretações, e avaliações precisas e sem esforço aparente; (e) concen-

tração na tarefa - a atenção fica completamente absorvida na atividade, de modo que não haja disponibilidade de atenção suficiente para que leve em conta qualquer outro estímulo exterior que não esteja relacionado à tarefa em questão; (f) percepção de controle - a pessoa torna-se confiante e percepções de medo, fracasso e tensão são simplesmente descartadas; (g) perda da autoconsciência - sentimento de união com o ambiente ; (h) transformação do tempo - o tempo não parece passar da forma como acontece ordinariamente, frequentemente parece passar mais rapidamente; (i) experiência autotélica - a finalidade da atividade está em si mesma, isto é, a pessoa envolvida libera sua energia psíquica na própria atividade e não em suas consequências.

Csikszentmihalyi (1990) afirma que quando as pessoas refletem sobre como se sentem quando vivenciam o fluxo, mencionam pelo menos uma destas dimensões. Diz o autor que a combinação destas características provoca um sentimento tão compensador que as pessoas sentem que vale a pena investir uma grande quantidade de energia para senti-lo novamente.

Com o objetivo de diferenciar a intensidade e a frequência com que as pessoas experimentam o fluxo, Csikszentmihalyi (1990) também fez uma diferenciação entre fluxo traço, e fluxo estado. O fluxo estado se refere à vivência de tal fenômeno em uma situação específica, enquanto o fluxo traço se refere à predisposição que a pessoa possui a vivencia-lo, ou seja, reflete a tendência individual a experimentar o estado de fluxo (Murcia et al., 2009). De acordo com Csikszentmihalyi (1990), aqueles que possuem uma maior tendência a experimentar tal estado mental possuem a denominada personalidade autotélica.

Desde sua descrição a Teoria do Fluxo foi aplicada a diversos contextos, e a partir da década de 1990 também começou a ser pesquisada e aplicada no ambiente esportivo, considerado um dos contextos capazes de facilitar este estado mental (Jackson & Marsh, 1996; Jackson & Csikszentmihalyi, 1999). Jackson, Thomas, Marsh e Smethurst (2001) indicaram

a existência de uma relação clara entre as características mentais associadas ao desempenho máximo e conceituação de fluxo de Csikszentmihalyi (1990). Jackson e Marsh (1996) definem o fluxo no esporte como o estado psicológico ótimo que ocorre quando o atleta está totalmente conectado com o que está fazendo. Uma vez que o fluxo implica no funcionamento mental ideal é no estado de fluxo que possivelmente os atletas produzem seus melhores resultados (Jackson et al., 2001). Vários estudos empíricos apoiam essa conexão entre o fluxo e o desempenho máximo mostrando que atletas que vivenciam o estado de fluxo reconhecidamente demonstram maior comprometimento com a atividade, são intrinsecamente motivados e apresentam grande persistência na sua prática, o que reduz a probabilidade de desistência da carreira esportiva (Jackson & Csikszentmihalyi, 1999; Jackson & Marsh, 1996; Murcia et al., 2009; Pates, Cummings, & Maynard, 2002; Shüler & Brunner, 2009).

Baseado no conhecimento dos ensaios teóricos sobre o fluxo existiu a necessidade de se elaborar instrumentos que pudessem avaliar tal constructo. Nesse sentido, foram desenvolvidas duas escalas que acessam simultaneamente o fluxo global e as nove dimensões do fluxo descritas anteriormente: a “Flow State Scale - 2” (FSS-2) e a “Dispositional Flow Scale - 2” (DFS-2), designadas para acessar respectivamente as experiências de fluxo dentro de um evento particular e a propensão que uma pessoa possui para experimentar o fluxo durante o esporte ou exercício (Jackson & Eklund, 2002). A FSS-2 é composta por 36 questões respondidas através de uma escala do tipo Likert que varia de 1 (concordo totalmente) a 5 (discordo totalmente). Desta forma, os indivíduos devem indicar sua concordância com cada um dos descritores do fluxo em relação à atividade que acabou de completar, e deve ser administrada o mais perto possível do evento para obtenção de uma resposta clara (Jackson & Eklund, 2002). Devido às diferenças individuais para se alcançar o *flow*, a

“Dispositional Flow Scale” (DFS-2) foi criada como um instrumento para acessar a predisposição que a pessoa possui para atingir o fluxo. É constituída por 36 questões que são respondidas através de uma escala do tipo Likert que varia de 1 (“nunca”) a 5 (“sempre”) e acessa a tendência geral a experimentar as características do fluxo em um contexto particular indicado pelo participante. O respondente é direcionado a pensar sobre a frequência com a qual ele geralmente experimenta as dimensões do fluxo nessa atividade em particular (Jackson & Eklund, 2002).

Entretanto, uma limitação das investigações sobre fluxo no esporte é que a grande maioria das pesquisas conduzidas tem focado somente a análise do fenômeno em situações específicas, ou seja, o fluxo estado, em detrimento dos estudos a respeito da predisposição ao fluxo (Gomes, 2010). Além disso, embora o fluxo venha sendo estudado com atletas de diferentes culturas, como por exemplo, japonesa, americana, espanhola, francesa, entre outras (García et al. 2008; Kawabata, Mallet, & Jackosn, 2008; Murcia, et al. 2009; Vlachopoulos, Karageorghis, & Terry, 2000), estudos realizados com atletas brasileiros e em especial com atletas paraolímpicos são escassos. Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar a predisposição ao fluxo em atletas brasileiros para-atletismo que disputam campeonatos mundiais e olímpicos. Através desse estudo espera-se trazer informações importantes sobre o entendimento deste fenômeno avaliado e sua influência na vida esportiva dos atletas. Além de enriquecer a literatura da Psicologia do Esporte e servir como referência para outros estudos esse conhecimento poderá ajudar os psicólogos do esporte a desenvolverem estratégias preventivas para evitar a saturação emocional do esporte e promover experiências esportivas mais positivas.

MÉTODO

Amostra

Participaram deste estudo 24 atletas (8 com deficiência visual e 16 com deficiência física)

de ambos os gêneros (17 do sexo masculino e 7 do sexo feminino) pertencentes à Seleção Brasileira de Para-atletismo, convocados pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro para a Semana de Avaliação e Treinamento, realizada em novembro de 2010. A idade média dos atletas foi de 30.17 anos (DP = 6.23), com uma amplitude de 20 a 44 anos. A amostra foi composta por atletas das corridas de 100m (n=15), 200m (n=1), 800m (n=1), 1500m (n=1) e maratona (n=2), e das provas de campo, arremesso de peso (n=2), lançamento de disco (n=1) e dardo (n=1). O tempo médio de prática de atletismo dos participantes do estudo foi de 6.71 anos (DP = 4.33), variando de no mínimo 2 anos a no máximo de 22 anos de experiência.

Foram excluídos aqueles que não estavam presentes na Semana de Avaliação e Treinamento, bem como aqueles que foram desligados da Seleção por algum motivo. O fato de o atleta apresentar dificuldades de fala ou ausência de coordenação motora, necessitando auxílio para anotar as respostas, bem como, ter participado em estudos anteriores similares, não foi impedimento para participar dessa pesquisa.

Instrumentos

Para a coleta dos dados foram utilizados dois instrumentos, um questionário geral, contendo informações demográficas como sexo, idade, modalidade e tempo de prática, e a Escala de Predisposição ao Fluxo (EPF), versão traduzida para o português através do método *backtranslation*, da Dispositional Flow Scale (Jackson, Kimiecik, Ford, & Marsh, 1998). Tal escala é constituída por 36 questões que representam as nove dimensões do fluxo e são respondidas através de uma escala do tipo Likert que varia de 1 (nunca) a 5 (sempre). O respondente é direcionado a pensar sobre a frequência com a qual ele geralmente experimenta as dimensões do fluxo nessa atividade em particular. Como a escala foi designada para explorar o conceito de personalidade autotélica, as respostas a este instrumento tendem

a permanecer estáveis ao longo do tempo (Jackson & Eklund, 2002).

Procedimentos

Antes da realização da pesquisa, a Comissão Técnica da Seleção Brasileira de Para-atletismo foi contata pelos autores para discutir a possibilidade de participação dos atletas em um estudo sobre a predisposição ao Fluxo. Com a anuência da Comissão Técnica, foi agendada uma reunião com o Coordenador Técnico da Seleção Brasileira de Para-atletismo com intuito de prestar esclarecimentos sobre os objetivos e os procedimentos que seriam utilizados no estudo e solicitar o Termo de Responsabilidade da Seleção Brasileira de Para-atletismo.

Todos os atletas que compareceram à Semana de Avaliação e Treinamento foram convidados a participar da pesquisa e informados sobre os objetivos do estudo, a forma como seria desenvolvido, bem como sobre os riscos e benefícios de sua participação. Aqueles que concordaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), obedecendo assim às normas internacionais para pesquisas com seres humanos que constam na Resolução 196-96, que trata das Normas de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos no Brasil. No caso dos atletas com paralisia cerebral o TCLE foi lido em voz alta pelo pesquisador para confirmar seu entendimento e o mesmo foi assinado pelo atleta e por seu responsável. Os atletas foram recepcionados individualmente no hotel em que estavam alojados, em local sem ruídos ou interferências externas. Com a finalidade de facilitar a compreensão dos itens, houve duas possibilidades de aplicação dos instrumentos: (a) visual: questionários impressos em papel em letra regular; e (b) auditiva: testes lidos em voz alta por um dos pesquisadores. O projeto do presente estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Nove de julho.

Todos os procedimentos para a análise estatística foram realizados através do Statis-

tical Package for the Social Sciences, versão 13.0 (SPSS Inc., Chicago, IL). Inicialmente foi realizada estatística descritiva dos dados obtidos, optando-se por métodos padrões para o cálculo da média e do desvio padrão. Tendo em vista o número de participantes do estudo, para a verificação da correlação entre as nove dimensões avaliadas pela escala (equilíbrio desafio-habilidade, fusão entre ação e consciência, metas claras, feedback imediato, concentração na tarefa, percepção de controle, perda da autoconsciência, transformação do tempo e experiência autotélica) e o fluxo global, foi utilizado o coeficiente ρ de Spearman. O nível de significância adotado em todas as análises foi de $p < .05$.

RESULTADOS

A Tabela 1 mostra as médias e o desvio padrão de cada uma das nove dimensões e do fluxo total. Destacam-se como médias mais elevadas, e, portanto mais frequentes, as dimensões metas claras (Média=4.56) e experiência autotélica (Média=4.45). De maneira geral, os resultados indicam que os atletas paraolímpicos experimentam o fluxo durante sua prática, pois apresentam média do fluxo total de 3.85, e, como pode ser observado, todas as dimensões possuem médias acima de 3 pontos, exceto a perda da autoconsciência (Média=2.94) e a perda da noção do tempo (Média=2.96).

Tabela 1.
Estatística Descritiva das Dimensões do Fluxo

Dimensões	Média	DP
Equilíbrio desafio-habilidade	4.23	0.67
Fusão ação-consciência	3.23	0.80
Metas claras	4.56	0.54
Feedback imediato	4.06	0.64
Concentração intensa	4.07	0.64
Percepção de controle	4.17	0.59
Perda da autoconsciência	2.94	1.03
Perda da noção do tempo	2.96	0.75
Experiência autotélica	4.45	0.55
Fluxo	3.85	0.47

Correlações foram usadas para se examinar o relacionamento entre as nove dimensões e o fluxo global (Tabela 2). Observa-se na Tabela 2 que com exceção da fusão ação-consciência, todas as demais dimensões se correlacionaram de maneira significativa e positiva com a média global do Fluxo ($p < .05$). Além disso, as dimensões obtiveram valores de correlação de moderados a altos entre si.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo avaliar a predisposição que os integrantes da Seleção Brasileira de Para-atletismo possuem para vivenciar o fluxo. Para tanto, utilizou-se a Escala de Predisposição ao Fluxo, versão traduzida para o português da escala original “Dispositional Flow Scale”, um instrumento que fornece uma visão detalhada da frequência das experiências de fluxo a nível dimensional e total (Jackson & Eklund, 2002). Ao considerar as escalas a nível dimensional tais autores afirmam que é provável que ocorra uma variação entre os escores obtidos para cada uma das nove dimensões do fluxo, e tal informação pode fornecer uma indicação da importância relativa das várias dimensões do fluxo para a atividade a ser avaliada.

De modo geral, observou-se que os atletas da Seleção Brasileira de Para-atletismo apresentam resultados que indicam uma intensidade do estado de flow significativa, corroborando com os estudos de Mikicic (2007) e Hodge et al. (2009). Assim como os resultados encontrados por Mikicic (2007) em nadadores, a formulação de metas claras e a experiência autotélica parecem ser vivenciadas mais frequentemente no atletismo.

Correlações significativas foram encontradas entre as subescalas da Escala de Predisposição ao Fluxo e o fluxo total, além disso, as dimensões obtiveram altos valores de correlação entre si. Especificamente, equilíbrio entre desafios e habilidades, metas claras, feedback imediato, concentração intensa na tarefa, senso de controle e experiência autotélica indicaram os maiores valores de correlação. Por outro

Tabela 2.

Correlação entre as dimensões do Fluxo (ρ e valor de significância)

Dimensões	EDH	FAC	MC	FI	CI	PC	PA	PNT	EA	FT
1. Equilíbrio desafio-habilidade	—	-.108	.598*	.572*	.532*	.658*	.297	.242	.663*	.651*
		.616	.002	.004	.007	.000	.159	.254	.000	.001
2. Fusão ação-consciência		—	.202	.133	.330	.043	.299	.383	.179	.394
			.343	.537	.116	.842	.156	.065	.402	.057
3. Metas claras			—	.615*	.595*	.567*	.200	.190	.770*	.706*
				.001	.002	.004	.348	.374	.000	.000
4. Feedback imediato				—	.592*	.757*	.356	.241	.531	.717*
					.002	.000	.088	.256	.008	.000
5. Concentração intensa					—	.766*	.593*	.393	.489*	.857*
						.000	.002	.058	.015	.000
6. Percepção de controle						—	.305	.029	.460*	.661*
							.147	.892	.024	.000
7. Perda da autoconsciência							—	.491*	.094	.696*
								.015	.661	.000
8. Perda da noção do tempo								—	.341	.574*
									.102	.003
9. Experiência autotélica									—	.658*
										.000
10. Fluxo total										—

Nota: EDH (Equilíbrio desafios-habilidades); MC (Metas claras); FI (Feedback imediato); CI (Concentração Intensa); PC (Percepção de Controle); PA (Perda da autoconsciência); PNT (Perda da noção do tempo); EA (Experiência autotélica); FT (Fluxo Total).

lado, similarmente ao estudo de Jackson e Marsh (1996), a dimensão fusão entre ação e consciência não demonstrou relação significativa com nenhuma das outras dimensões, indicando que talvez esta não seja uma dimensão crucial para esta amostra.

A alta correlação positiva entre as dimensões equilíbrio entre desafios e habilidades e experiência autotélica sugere que o prazer da atividade está relacionado ao fato do atleta ter a percepção de que é capaz de atender às suas demandas. Ou seja, o equilíbrio entre a percepção do atleta a respeito das exigências da prova e sua capacidade de corresponder a elas pode ser crucial para a dimensão experiência autotélica (Csikszentmihalyi, 1990; Jackson & Csikszentmihalyi, 1999).

O fato de a experiência autotélica ter demonstrado uma correlação significativa com a percepção de controle, com o feedback e com as

metas claras sugere que a atividade competitiva está associada à forte percepção de controle do atleta sobre suas ações, de maneira que consiga obter informações precisas sobre como está a execução para que consiga atingir o resultado desejado e desfrutar da atividade. Além disso, O fato das dimensões equilíbrio, metas e feedback se correlacionarem entre si pode indicar que essas três dimensões podem ser consideradas como dimensões reguladoras do fluxo. Em outras palavras, tais achados sugerem que talvez essas dimensões modulem as demais dimensões e se apresentem como pré-requisitos para a entrada no fluxo, como sugerido por Jackson e Csikszentmihalyi (1999).

Além disso, o equilíbrio entre desafios e habilidades, percepção de controle e experiência autotélica se encontram estreitamente relacionados com o feedback obtido durante a atividade. Isso significa que a percepção de controle,

a concentração na atividade, e a percepção sobre as habilidades para atender às demandas da situação dariam aos atletas a oportunidade de ter um sentimento forte e imediato de qualidade de desempenho. Em outras palavras, os atletas sentem que podem gerenciar as demandas da competição e o curso da atividade.

Observou-se que a dimensão transformação do tempo obteve média abaixo de três, o que também foi observado em outros estudos (Jackson & Marsh, 1996; Vlachopoulos et al., 2000). Além disso, a pouca correlação entre esta e as demais subescalas indica que a alteração do sentido do tempo não é tão relevante para as experiências de fluxo dos atletas desta amostra.

Baixas associações com a transformação do tempo têm sido constantemente encontradas em atletas (Jackson, et al. 1998; Jackson, et al. 2001; Jackson & Marsh, 1996). Do ponto de vista prático, a ocorrência e a avaliação positiva da transformação de tempo pode depender de requisitos específicos do esporte. Por exemplo, enquanto em algumas provas (saltos, lançamentos e arremessos) o tempo não é importante, parece ser essencial para outras, como as corridas, constituindo o ponto de verificação dos atletas sobre o seu desempenho. Os corredores de longa distância devem correr as distâncias intermediárias em horários específicos, usando este momento como uma marca de seu desempenho ou usando seu tempo como uma maneira de obter feedback, preservando-se. Neste caso, para atingir o fluxo, um corredor de longa distância precisaria sentir que o tempo passa mais rápido do que o real, ou seja, que os minutos passam como se fossem segundos e desta maneira, as provas pareceriam mais curtas para tais atletas. Entretanto, atletas que praticam provas curtas, ou que requeiram movimentos muito rápidos, poderiam necessitar sentir que o tempo passa mais devagar do que realmente é. Por exemplo, na corrida de 100 metros, prova que possui poucos segundos de duração, um corredor sente que durante a prova tudo está se movendo em câmara lenta, mais devagar que a

realidade e o que certamente torna mais fácil executar a ação efetivamente (Garcia et al., 2008). Esta explicação também foi oferecida por Jackson e Eklund (2002) quando afirmaram que os itens utilizados para avaliar essa dimensão focam particularmente na indicação de que o tempo passa mais devagar que o normal, o que nem sempre acontece.

Os resultados da presente pesquisa fornecem importantes informações para técnicos e psicólogos do esporte, e podem ser utilizados na formulação de programas de preparação psicológica que vão fomentar a experiência de fluxo, que por sua vez, podem aumentar a motivação para os treinos (Schüler & Brunner, 2009) e conseqüentemente beneficiar o desempenho do atleta (Jackson & Csikszentmihalyi, 1999). Futuras investigações devem continuar a avaliar e analisar os diferentes fatores que favorecem uma maior predisposição para experimentar o fluxo em atletas brasileiros, porque, como Csikszentmihalyi (1990) aponta, a capacidade de chegar a este estado psicológico ideal é parcialmente inata e parcialmente o produto do processo de aprendizagem. Nesse sentido, seria possível fornecer informações sobre como contribuir para aumentar o fluxo disposicional de seus atletas, obtendo assim um estado mental ideal para alcançar o desempenho máximo (Jackson & Marsh, 1996) e manter o desejo de continuar a prática para vivenciar novamente tais experiências (Mikicic, 2007; Schüler & Brunner, 2009).

A presente investigação configura-se como uma das primeiras abordagens a esse constructo em atletas brasileiros, e o primeiro com atletas paraolímpicos. Entretanto, esse estudo tem suas limitações metodológicas, uma vez que, não foram realizados estudos de validação da Escala de Fluxo para atletas brasileiros. Apesar do desenvolvimento de instrumentos para avaliar o fluxo ser uma importante contribuição para o entendimento desse constructo a utilização das escalas têm seu uso limitado pelas barreiras do idioma. A validação das escalas para diferentes idiomas proporcionará se testar as qualidades psicométricas das esca-

las e encorajar futuras pesquisas cross-cultu-
rais. Assim, novas investigações estão sendo
realizadas com o intuito de validar as escalas
de fluxo para a língua Portuguesa.

Agradecimentos:

Nada a declarar.

Conflito de Interesses:

Nada a declarar.

Financiamento:

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

- Csikszentmihalyi, M. (1990). *Flow: The Psychology of optimal experience*. New York: Harper & Row.
- García, T., Jiménez, R., Santos-Rosa, F.J., Reina, R., & Cervelló, E. (2008). Psychometric properties of the Spanish version of the Flow State Scale. *The Spanish Journal of Psychology*, 11(2), 660-669.
- Gomes, S. S. (2010). *Quando o jogo flui: Uma investigação sobre a teoria do fluxo no voleibol*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil.
- Hodge, K., Lonsdale, C., & Jackson, S. (2009). Athlete engagement in elite sport: An exploratory investigation of antecedents and consequences. *The Sport Psychologist*, 23, 186-202.
- Jackson, S. A., & Csikszentmihalyi, M. (1999). *Flow in sports: The keys to optimal experiences and performances*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Jackson, S. A., & Eklund, R. C. (2002). Assessing flow in physical activity: The Flow State Scale-2 and Dispositional Flow Scale-2. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24, 133-150.
- Jackson, S. A., & Marsh, H. W. (1996). Development and validation of a scale to measure optimal experience: the Flow State Scale. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18, 17-55.
- Jackson, S. A., Kimiecik, J., Ford, S., & Marsh, H. W. (1998). Psychological correlates of flow in sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 20, 358-378.
- Jackson, S. A., Thomas, P. R., Marsh, H.W., & Smethurst, C. J. (2001). Relationships between flow, self-concept, psychological skills, and performance. *Journal of Applied Sport Psychology*, 13, 129-153.
- Kawabata, M., Mallet, C. J., & Jackson, S. A. (2008). The Flow State Scale-2 and Dispositional Flow Scale-2: Examination of factorial validity and reliability for Japanese adults. *Psychology of Sport and Exercise*, 9, 465-485.
- Mikicic, M. (2007). Relationships between experiencing flow state and personality traits, locus of control and achievement motivation in swimmers. *Physical Education and Sport*, 51, 61-67.
- Murcia, J. A. M., Noguera, F. C., González-Cutre, D., Cervelló, E., & Pérez, L.M.R. (2009). Flow dispositional em salvamento deportivo: Uma aproximación desde la teoria de la autodeterminación. *Revista de Psicología del Deporte*, 18(1), 23-35.
- Pates, J., Cummings, A., & Maynard, I. (2002). The effects of hypnosis on flow states and three-point shooting performance. *The Sport Psychologist*, 16, 34-47.
- Schüler, J., & Brunner, S. (2009). The rewarding effect of flow experience on performance in a marathon race. *Psychology of Sport and Exercise*, 10, 168-174.
- Vlachopoulous, S. P., Karageorghis, C. I., & Terry, P.C. (2000). Motivation profiles in sport: A self-determination theory perspective. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71, 387-397.



Todo o conteúdo da revista **Motricidade** está licenciado sob a [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/), excepto quando especificado em contrário e nos conteúdos retirados de outras fontes bibliográficas.